



Imprensa em Imperatriz – MA: apontamentos sobre os Jornais Impressos das décadas de 1930 e 1940¹

Thays Silva Assunção ²

Roseane Arcanjo Pinheiro ³

Universidade Federal do Maranhão/UFMA – Campus Imperatriz

Resumo

O presente artigo integra a pesquisa de iniciação científica “Comunicação em Imperatriz: a análise dos acervos de jornais impressos (1932-2008),” financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – Fapema. Este trabalho tem como objetivo mapear o nascimento dos jornais de Imperatriz – MA relacionando esse fenômeno ao desenrolar das várias transformações vivenciadas pela cidade.

Palavras-Chave: Imprensa; História; Imperatriz; Jornalismo; Maranhão

1. História de uma Época

“Tudo tem uma história”. De acordo com o poeta Ferreira Gullar, a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquina. Da mesma forma que o poeta brasileiro, entendemos a história pelo viés da Escola dos Annales.

História econômica, demográfica, história das técnicas e dos costumes, não apenas história política, militar, diplomática. História dos homens, de todos os homens, não unicamente dos reis e dos grandes. História das estruturas, não apenas dos acontecimentos. História em movimento, história das evoluções e das transformações, não história estática, história quadro. História explicativa, não história narrativa, descritiva – ou dogmática. (LE GOFF, 1995, p. 38)

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Autora: Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA. Aluna do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão - Campus Imperatriz. E-mail: thays_itz@hotmail.com

³ Orientadora: Professora Mestre da Universidade Federal do Maranhão – Campus Imperatriz. E-mail: roseane_arcanjo@yahoo.com.br



A Escola dos Annales foi um movimento que surgiu no século XX na França, e deu início a chamada “nova história”. Para Peter Burke (1992), a nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o “paradigma tradicional”. A nova história começou a se interessar por toda atividade humana, pois para seus historiadores tudo tem um passado. A partir de então se torna comum a utilização da expressão “história total”. Não há apenas uma história, mas várias histórias.

Nos últimos trinta anos nos deparamos com histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo (como apresentado por Roy Porter, p. 291), a feminilidade (discutida por Joan Scott, p. 63), a leitura (discutida por Darnton, p.199), fala e até mesmo o silêncio (BURKE, 1992, p.11).

O presente trabalho orienta sua discussão para uma das muitas histórias do homem, a história da imprensa. Nosso objetivo é compreender a trajetória dos periódicos da cidade de Imperatriz-MA, atualmente é a segunda maior cidade do Maranhão com mais 230 mil habitantes. Focamos nesse primeiro momento, o surgimento de seus jornais nas décadas de 1930 e 1940. Para tanto buscamos referenciais teóricos nas Teorias do Jornalismo e da História, no âmbito da micro-história para apreender o complexo sistema de relações que envolvem o surgimento e desaparecimento das publicações. “A micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (BURKE, 1992, p.136).

A perspectiva da micro-história é, mais uma vez, diferente, porque uma importância fundamental é dada às atividades, as formas de comportamento e às instituições que proporcionam o arcabouço dentro do qual os idiomas podem ser adequadamente entendidos, e que permitem uma discussão significativa daqueles conceitos e convicções que de outra maneira permaneceriam hermeticamente fechados em si mesmos, sem uma adequada referência à sociedade – mesmo que o discurso seja conceitualizado, mais como uma ação do que como uma reflexão. (BURKE, 1992, p. 156)

A pesquisa bibliográfica propiciou à obtenção do referencial teórico pertinente a história da imprensa local e ao desenvolvimento socioeconômico da cidade de Imperatriz. O método histórico nos ajudou a entender o surgimento da imprensa imperatrizense como um processo complexo, em que estão engendradas relações sociais, culturais, políticas, econômicas, falas, não-ditos e silêncios que valem mais do que qualquer outra forma de expressão.

O método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que desempenharam na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e modificações (LAKATOS, MARCONI, 1991, p. 82).

A cidade de Imperatriz, localizada no Oeste do Maranhão, próxima aos Estados do Pará e Tocantins passava nas décadas de 1930 e 1940 por uma recessão econômica provocada pela queda brusca do preço da Castanha-do-pará. Nessa época, os garimpos de diamantes e cristais tornaram-se a base de sustentação da economia regional, e o motivo para a chegada de vários imigrantes na cidade. Do ponto de vista tecnológico, temos a chegada do Correio Aéreo Nacional no ano de 1935 em Imperatriz. E na mesma época era comum no município a realização de tradicionais festas do Divino Espírito Santo, o Dia de Todos os Santos, o Bumba-meu-boi, concursos de belezas, berlindas e saraus, com a presença de músicas, cantos, e a declamação de poesias brasileiras ou portuguesas.

No meio político, a cidade de Imperatriz sofre os reflexos da mudança política nacional. A década de 1930 no Brasil é inaugurada pela ação de um movimento militar que leva Getúlio Vargas a presidência da República. É instaurada no país a chamada Era Vargas, período marcado por várias contradições: ao lado da modernização econômica, autoritarismo político; a par de conquistas de direitos trabalhistas, repressão e censura.

Getúlio Vargas fica a frente do governo brasileiro em várias situações. De 1930 a 1934 foi chefe do governo provisório. Durante esse período ocorreu a Revolução Constitucionalista de 1932, que exigia a convocação da Assembléia Constituinte e a promulgação de uma nova Constituição. No de 1934, uma nova Constituição é promulgada, e Getúlio é eleito presidente pela Assembléia Constituinte. Em 1937, Getúlio Vargas promove um golpe militar e acaba se tornando ditador do chamado Estado Novo. Nesse período, Imperatriz tem sua Câmara Municipal dissolvida e o Poder Executivo substituído por prefeitos e interventores nomeados para a cidade. Somente em 1948 ocorrem eleições na cidade. E o primeiro prefeito eleito é Simplício Alves Moreira.

Diante dessa realidade, a imprensa de Imperatriz começa a dar seus primeiros passos, surgem na cidade os primeiros periódicos. Enquanto isso, a imprensa nacional passa por momentos de oscilação frente ao novo contexto. Segundo Juarez Bahia (1990,



p.207), segmentos da imprensa brasileira antes do período do Estado Novo, entre 1937 e 1945, apoiava as novas perspectivas do governo Vargas, pois percebia que sua política de expansão possibilitava o alargamento do mercado interno que beneficiava, em primeiro lugar, a circulação de mercadorias e a produção em larga escala.

No entanto, a imprensa brasileira muda sua atitude com a implantação do Estado Novo que instaura a censura sobre o país no contexto de um Estado policial e totalitário. Nesse momento, os jornais adquirem um caráter mais crítico diante da realidade apresentada.

É das represálias ao livre exercício da opinião, das cinzas do incêndio das redações, do empastelamento dos parques gráficos de numerosos jornais, das prisões e dos processos que retiram jornalistas da circulação por ordem do governo, que nasce uma imprensa mais consciente do seu papel, mais resistente às pressões oficiais. (BAHIA, 1990, p.209)

Ao lado dessas discussões teóricas, usamos também a pesquisa documental para traçar o perfil dos primeiros jornais imperatrizenses. Quem eram seus jornalistas? Qual sua periodicidade? Como era o contexto de Imperatriz na época de circulação dos jornais? Quais as mudanças sofridas? Qual o período de circulação dos jornais, e seus episódios importantes? Os jornais eram ligados a alguma organização? A partir desses, e de outros questionamentos começamos a montar o “quebra-cabeça” da história da imprensa de Imperatriz, tendo como ponto de partida os três primeiros jornais da cidade, O Alicate (1932), “A Luz” (1936) e o “O Astro” (1949).

2. Jornalismo: Narrativa do Tempo Presente

O Jornalismo busca entender a realidade por meio das singularidades e o interesse público pelo fato. Para tanto, os jornalistas utilizam os seus valores-notícias para selecionar o conjunto de acontecimento a serem divulgados. “Os jornalistas têm seus próprios óculos particulares através dos quais vêem certas coisas e não outras, e vêem de uma certa maneira as que vêem. Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado” (apud TRAQUINA, 2005, p. 77).

De acordo com essa concepção, o jornalismo pode ser visto como uma interpretação da realidade. “A mera informação, sem juízo que valorize e a interprete, faria do jornalismo uma algaravia sem ordem nem conserto e deixaria ao leitor a pesada carga de buscar os “porquês” e “para quês” do que acontece” (BELTRÃO, 1992, p.79).



Partimos do pressuposto de que as notícias apresentadas pelo jornalismo não são meros reflexos da realidade. Há algo mais profundo, mais complexo. Porque estes e não aqueles assuntos são publicados como notícias do dia nos meios de comunicação? O que faz um acontecimento, isolado ou não, romper a barreira do anonimato e virar manchete, reportagem, conteúdo publicável? Entendemos que as notícias veiculadas pelos jornais “são um artefacto construído pela interação de várias forças que podemos situar ao nível das pessoas, do sistema social, da ideologia, da cultura, do meio físico e tecnológico e da história” (SOUSA, 1999, p. 8).

Por isso, escrever uma história da imprensa não é apenas colocar de maneira linear e orientada os diversos ciclos que passaram os periódicos, mas sobretudo compreender o sistema de relações que perpassaram os jornais.

Na perspectiva de Eduardo Meditsch (1997) o Jornalismo é uma forma de conhecimento capaz de revelar aspectos da realidade, que escapam à metodologia das ciências. Ele ressalta que o conteúdo do jornalismo, as notícias, só pode ser entendido dentro do contexto. “O conteúdo do jornalismo, ao estar preso ao senso comum, está também necessariamente vinculado a um contexto. O texto só adquire sentido dentro de um contexto” (MEDITSCH, 1997, p.9).

O autor Carlos Eduardo Franciscato compartilha do mesmo posicionamento de Meditsch. Para ele as notícias só podem ser entendidas dentro de seu contexto sócio-histórico. “O que é notícia em um tempo não é notícia em outro, desde que os eventos tenham cessado de ser interessantes” (FRANCISCATO, 2005, p 176). O autor ainda destaca que a notícia traz, normalmente de forma explícita, marcas do presente que afirmam sua singularidade temporal, sua duração breve na expressão de um presente que se esvai. Sendo assim, acreditamos que o jornalismo é uma prática social voltada para eventos do tempo presente de uma sociedade. Ele é uma atividade atual, que vive do cotidiano, do presente, procurando extrair dele o singular. Nas páginas dos jornais impressos podemos vislumbrar não o passado, mas o a “cultura do presente” de uma sociedade.

No início dos anos 30, a imprensa surge em Imperatriz. Mas qual era a “cultura do presente” apresentada pelos primeiros periódicos da cidade? O primeiro jornal de Imperatriz, O Alicate (1932), por ter sido manuscrito não localizamos seus exemplares. Do jornal A Luz (1936), foi encontrada uma cópia do exemplar de número 03. Analisando essa cópia, percebemos que naquela época Imperatriz era marcada por



relações de cunho religioso, social e comercial. Já do periódico *O Astro* (1949) localizamos a cópia do primeiro exemplar de 24 de Julho de 1949, e a cópia de uma página do exemplar de número 03 de 21 de agosto de 1949. Nas pesquisas bibliográficas constatamos a existência de outros exemplares. O jornal *O Astro*, por ter sido ligado a um partido político da cidade possuía, sobretudo um projeto de poder, e também percebemos no mesmo jornal um caráter religioso, esportivo e comercial.

3. O Alicate, os Primórdios das Práticas Jornalísticas

A cidade de Imperatriz, após 80 anos de sua fundação em 1852, conheceu seu primeiro jornal em 1932, fundado por Antônio José Marinho, natural do município de Grajaú, que exerceu a profissão de escrivão e tabelião público em Imperatriz. O nome do jornal era *O Alicate* e apenas Marinho era responsável pela produção e circulação do jornal.

De acordo com o pesquisador Edmilson Sanches (2002, p.169), *O Alicate* era um jornal redigido à mão e que tinha uma circulação irregular. Saía de vez em quando, dependendo dos acontecimentos da época e da conveniência de serem espalhados por alguns pontos da cidade. É interessante percebemos que *O Alicate* não foge totalmente da estrutura apresentada pelos demais jornais brasileiros em circulação na época.

No interior do país, jornais feitos à mão ainda circularão por muito tempo, compostos em caixa francesa e prensados ao impulso pedal ou braçal, como a testemunhar as profundas diferenças regionais que caracterizam a Federação. Distantes, em produção e em organização administrativa, das estruturas editoriais em funcionamento no Sudoeste com seus setores de venda avulsa, assinaturas, publicidade, promoção, pesquisa, circulação etc. (BAHIA, 1990, p.214)

Pelo fato de ter sido manuscrito, não foi encontrado nenhum exemplar do jornal *O Alicate*. E nas pesquisas realizadas não verificamos até que período o jornal *O Alicate* circulou em Imperatriz. Porém em 1936, outro jornal surge no cenário imperatrizense, *A Luz*.

4. A Luz e as Representações sobre a Cidade

Após três anos da circulação do primeiro jornal, Imperatriz conhece seu segundo jornal em 1936, tendo como título *A Luz*, o primeiro impresso a circular na cidade. *A Luz* tem a existência documentada com um exemplar da edição número 3, de 25 de outubro de 1936. O jornal surge um ano antes da implantação do Estado Novo no



Brasil. É durante esse período que a imprensa brasileira passa por uma fase de censura, perseguição e vigilância.

No negro período de 1937-1945, foi grande o número de jornais, revistas e panfletos fechados por determinação do executivo e grande também o número de jornalistas presos por delitos de imprensa. A ditadura criou órgão específico, o Departamento de Imprensa e Propaganda, chefiado por Lourival Fontes, segundo o modelo nazista; o famigerado DIP controlava a imprensa e o rádio e baixava listas de assuntos proibidos. (SODRÉ, 1999, p.381)

Segundo SANCHES (2002), o jornal A Luz era semanal – e possuía o slogan de “semanário independente”. Os responsáveis pelo jornal eram Gumercindo Milhomem (que assinava como diretor), Antenor Bastos (gerente) e Antônio José Marinho (redator, o mesmo que manuscovia “O Alicate”).

Gumercindo de Sousa Milhomem era comerciante, poeta e político, foi o primeiro e mais jovem prefeito de Imperatriz, exercendo mandato de 1923 a 1928. Antenor Bastos era comerciante e político, foi prefeito de Imperatriz de 1956 a 1959. Antonio José Marinho foi escrivão e tabelião público.

O jornal A Luz era impresso com tipos móveis e prensas de madeira, não possuía seções e editoriais e era composto por quatro páginas. O preço do “semanário independente” era: exemplar avulso: \$ 300 e exemplar atrasado: \$ 400.

Dentre as notícias apresentadas no jornal, o “Concurso de Beleza – Apuração e Coroação” era a matéria de destaque na única edição disponível. O texto relatava o tradicional concurso de beleza Miss Imperatriz, cuja vencedora foi a jovem Antonica Nogueira. As outras notícias presentes no jornal A Luz eram o Centenário Benjamim Constant; a arrecadação de dinheiro para o mosaico da igreja matriz (Igreja de Santa Tereza); as notas sociais (casamentos e batizados); os quatro anúncios comerciais (todos na página 3); o Festejo de Santa Teresa D’Ávila, padroeira da cidade e a solicitação, ao então governador Paulo Ramos, de estrada que ligasse Imperatriz a São Luís.

No mesmo jornal são apresentadas, em forma de protesto, notas sobre “actos de selvageria” e “bárbaro espancamento” aplicados por “soldados locais” à base de “saibre e umbigo de boi”. “Os meios jornalísticos funcionam, pelo menos em certas circunstâncias, como agentes de vigilância e controle dos poderes” (SOUSA, 1999, p.8).

Nas pesquisas realizadas encontramos apenas uma cópia do exemplar n° 03 do jornal A Luz. Não sabemos durante quanto tempo circulou em Imperatriz, se esteve presente na cidade no período do Estado Novo. Nos registros locais consta o surgimento

de outro jornal imperatrizense 12 anos depois, em 1949. Agora é a vez de um novo
Astro brilhar!

5. O Astro, Jornalismo e Política

O jornalismo político deu seus primeiros passos na cidade de Imperatriz com o jornal O Astro, fundado no dia 24 de julho de 1949. O periódico era ligado ao Partido Social Trabalhista e funcionava sob a liderança do prefeito da época, Simplício Alves Moreira, dos redatores Antenor Fontenele Bastos, Manoel Ribeiro Soares e Urbano da Rocha Miranda e contava com a colaboração de Tibério Santos que assinava a editoria de esporte.

O modesto jornal do Partido Social Trabalhista, sob a direção e responsabilidade de Simplício Alves Moreira e Manoel da Rocha Rolim, tinha como redatores responsáveis os companheiros de luta, inteligentes homens de nossa terra, os senhores Antenor Fontenele Bastos, Manoel Ribeiro Soares e Urbano da Rocha Miranda. Eles foram a vida desse jornal. (MOREIRA, 1997, p.128)

Simplício Alves Moreira atuou na cidade como político, jornalista e comerciante. Foi o primeiro prefeito de Imperatriz após o Estado Novo, no período de 1948 a 1950. Manoel Ribeiro Soares, além de trabalhar no O Astro, foi comerciante e político. Atuou como vereador em Imperatriz de 03 de maio de 1951 a 31 de janeiro de 1955, foi presidente da Câmara de Vereadores da cidade e foi o primeiro presidente da Associação Comercial de Imperatriz (ACI). Urbano da Rocha Miranda também exerceu cargos políticos na cidade, sendo prefeito e vereador. Foi presidente da Câmara de Vereadores e coordenou a primeira eleição de Imperatriz depois do Estado Novo.

O Astro possuía quatro páginas divididas em editorial; esporte; notas comerciais; notas sociais; e notícias política. O jornal tinha circulação quinzenal, era impresso em mimeógrafo, e custava Cr\$ 1,00 para número avulso e número atrasado e a assinatura anual era de Cr\$ 20,00.

Durante as pesquisas, localizamos a cópia do primeiro exemplar do jornal O Astro, de 24 de Julho de 1949. Na página 01 desse número há um editorial com indicações da mudança de Imperatriz graças à ação do Partido Social Trabalhista. Na página seguinte temos a editoria de esporte assinada por Tibério Santos, a Ave-Maria, notas comerciais, e a notícia sobre um naufrágio. Na terceira página temos o expediente do jornal, notas comerciais, e a continuação da editoria de esporte. E na última página é



noticiada a adesão política do agricultor Antônio Rodrigues de Souza ao Partido Social Trabalhista. O Astro contava com a presença de telegramas, como o endereçado ao presidente local do PST e ao presidente de São Luís, e também possuía notas de parabenização, como a emitida ao senhor Gabriel pela construção de um moinho para beneficiamento de arroz.

O outro exemplar do jornal O Astro que tivemos acesso foi uma cópia da página do exemplar nº 03, de 21 de agosto de 1949. As notícias desse periódico eram a respeito da solicitação do governador do estado para a comemoração do Dia do Soldado na cidade; a visita do senador Vitorino Freire à Grajaú. Vitorino Freire era chefe nacional do Partido Social Trabalhista. Trabalhos da Câmara Municipal, Festa religiosa tratando do festejo ao Senhor Bom Jesus. Notas sociais: aniversário, casamento e falecimento. Por meio do livro da autora Zequinha Moreira (1997), filha de Simplício Moreira, tivemos contato com outras notícias do terceiro exemplar. Uma delas, era sobre a localidade de Montes Altos, que na época ainda era ligada a Imperatriz, e não tinha escola. A escola Rural em Montes Altos foi criada por Simplício Moreira em 1949. Há uma notícia para a criação em 1949 do posto médico em Imperatriz. Na época, os médicos chegavam a Imperatriz somente de passagem. O posto médico ficava localizado na Rua 15 de novembro. E Zequinha cita a notícia sobre o movimento educacional em Imperatriz. Naquele ano existiam poucas escolas públicas na cidade. Somente no governo de Simplício Moreira, duas escolas foram instaladas para a alfabetização da cidade. Eram as Escolas Professor Otacílio Costa e Silva e a Agrupada, que receberam o nome de “Cândido Mariano da Silva Rondon”.

As informações sobre os exemplares de número 02, de agosto de 1949, o exemplar 04, de 4 de setembro 1949 e o número 17, de dezembro de 1950 foram localizadas no livro de Zequinha Moreira. O número 02, de agosto de 1949 traz a relação dos noitários do festejo do Senhor do Bom Jesus. O novenário do Bom Jesus abrangia o período de 6 a 15 de agosto, terminando no dia da Assunção de Nossa Senhora. Os noitários eram as pessoas responsáveis por cada dia de novenário.

O exemplar nº 04 do O Astro de 4 de setembro 1949 faz referência ao telegrama do deputado Federal Afonso Matos repassando verba de Cr \$ 250.000,00 para a construção de grupo escolar em Imperatriz. O grupo escolar construído foi o Governador Archer, que até hoje funciona na cidade. E o último exemplar desse jornal que conhecemos foi o número 17, de dezembro de 1950 que faz referência à visita do



governador Sebastião Archer a Imperatriz, no dia 9 de dezembro de 1950. Essa época era o final da gestão do prefeito Simplício Alves Moreira. Durante as pesquisas, não descobrimos até que ano o jornal O Astro circulou em Imperatriz.

6. Considerações Finais

Em Imperatriz, nos momentos iniciais do seu Jornalismo, a imprensa tornou-se lugar de novos protagonistas, vozes e causas. Em uma cidade de pouca visibilidade política e econômica nas décadas de 30 e 40, os primeiros meios de comunicação imperatrizenses, inicialmente manuscritos e impressos, tornaram-se espaço de representações sobre a cidade, sua gente, suas manifestações culturais e lutas políticas.

Para compreendermos o perfil dos jornais imperatrizenses nas décadas de 1930 e 1940 é preciso entender de que forma o jornalismo estava atuando no Brasil. Os jornais O Alicate, A Luz e O Astro surgiram em um dos momentos mais conturbados da história do Brasil, o Estado Novo. A imprensa dos anos de 1930 esteve estritamente ligada ao Estado, os temas políticos tomaram lugar nas páginas dos grandes jornais, as forças dominantes e os embates sociais delimitaram a produção jornalística nascente no Brasil.

A cidade estava começando a aparecer no cenário nacional, ainda com muitas dificuldades econômicas; a população de Imperatriz não tinha o hábito diário de ler jornais; o jornalismo era desempenhado por comerciantes, políticos, poetas e funcionários públicos. Ainda não existiam escolas de Jornalismo na maior parte do país e tampouco em Imperatriz.

Nos anos em que se viveu o Estado Novo, os jornais brasileiros estavam em pleno desenvolvimento na década de 1930: 23 jornais impressos foram registrados oficialmente, dentre eles, O Jornal, Diário da Noite, A Manhã e o Correio da Manhã. Esses jornais eram editados em média em cadernos de 24 páginas com tiragens em torno de 40 mil exemplares.

A imprensa constituiu-se em uma instância de poder, onde discursos sobre o destino de Imperatriz e sua sociedade começaram a ser traçados e irradiados. O Jornalismo configura-se então como uma narrativa que contribuirá para compreendermos os embates, silêncios, lacunas, escolhas e transformações que tomavam conta da trajetória da cidade e de seus segmentos sociais.



Em *O Alicate* – o primeiro jornal a circular – a fragilidade tecnológica e as poucas pistas deixadas pelo impresso denotam uma cidade onde as disputas pelo poder não alcançavam a opinião pública, as ruas, os comércios ou os aglomerados. *Imperatriz* – então um povoado distante da capital – se estruturava de forma precária frente aos ditames do processo de urbanização e da modernidade.

Outras representações sobre a cidade – ainda nos anos 30 do século passado – estão em *A Luz*: a cidade está caracterizada por acontecimentos sociais, políticos e religiosos, em um segundo jornal capitaneado por um político, também comerciante. As idéias sobre o poder e os acontecimentos ganham os contornos da letra impressa, atravessam os espaços privados e são construídas e divulgadas em espaços públicos, aos quais têm acesso parcelas da população.

O terceiro registro de jornais – desta vez na década de 40 do século XIX – denota uma cidade com vínculos com os grupos políticos que assumiram o poder no plano nacional. As notícias publicadas em *O Astro*, impresso do Partido Trabalhista Brasileiro em sua seção local, são indícios de uma articulação maior na esfera política e a necessidade de um segmento social em dar corpo às suas propostas e percepções acerca da cidade e do futuro.

A descontinuidade desses jornais e a falta de sua materialidade no presente – já não circulam mais ou não há registros de quando se encerraram - mostram o quanto é necessário esforços no sentido de valorizar a mídia impressa enquanto fonte de conhecimento sobre a travessia da cidade no século XX, com suas contradições, complexidade e atuação política e social. A vida dos impressos são indicadores também da articulação de uma nova classe, os jornalistas, novos sujeitos que colaboram no processo de instauração ou quebra de ordenamentos, desencadeados a partir das forças sociais capazes de liderar as mudanças em *Imperatriz*.

7. Referências Bibliográficas

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BARROS, Edelvira Marques de Moraes. **Imperatriz: Memória e Registro**. Imperatriz: Ética, 1996.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: editora da UNESP, 1992.



_____. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989.**
São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

DOSSE, François. **A História em migalhas: dos Annales à Nova História.** Bauru, SP:
EDUSC, 2003.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil.** 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São
Paulo, 2006.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A Fabricação do Presente: Como o Jornalismo reformulou
a experiência do tempo nas sociedades ocidentais.** São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

Imperatriz: 150 anos. Academia Imperatrizense de Letras. Imperatriz, AIL, 2002

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica.** São Paulo:
Atlas, 1991.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MEDITSCH, Eduardo. **O Jornalismo é uma forma de Conhecimento?** Florianópolis: Editora
da UFSC, 1997.

MOREIRA, Zequinha. **Simplicio Moreira: Precursor do Desenvolvimento de Imperatriz.**
Imperatriz: Ética, 1997

SANCHES, Edmilson. **Enciclopédia de Imperatriz: 150 anos: 1852 – 2002.** Imperatriz-MA:
Instituto Imperatriz, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad,
1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **As Notícias e seus Efeitos: As “teorias” do jornalismo e dos efeitos
sociais dos *media* jornalísticos.** Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são.** Florianópolis:
Insular, 2005.